

A POLÍTICA DE UM MONUMENTO: AS MUITAS IMAGENS DO CRISTO REDENTOR

*Emerson Giumbelli*¹

*Izabella Bosisio*²

Resumo: O artigo analisa diferentes discursos e visões acerca do monumento ao Cristo Redentor, que é objeto de ressignificações de sentidos ao longo de sua história. Para isso, dois caminhos são explorados: comparação de enfoques distintos sobre a estátua, partindo de obras que se utilizam de visões urbanísticas e arquitetônicas, além de uma obra comemorativa relacionada ao monumento; análise da eleição do Cristo Redentor como uma das “novas sete maravilhas do mundo” e de sua repercussão, que gerou outras apropriações. Esse material pode nos levar a pensar na relação entre religião e política. Esta última dimensão emerge não só de alguns usos do monumento, como também do confronto de imagens provocado pelos seus múltiplos sentidos.

Palavras-chave: Cristo Redentor; monumentos; símbolos religiosos.

Abstract: The paper analyzes various discourses and visions about the monument of Christ the Redeemer, which is object of reinterpretations of meanings throughout its history. For this, two directions are explored: a comparison of different approaches on the statue, from works that use architectural and urban visions, and a commemorative work related to the monument; an analysis of the election of Christ the Redeemer as one of the “new seven wonders” and its repercussions, which generated other appropriations. This material can lead us to think about the relationship between religion and politics. This last dimension emerges not only of some uses of the monument but also of the clash of images caused by their multiple meanings.

Keywords: Christ the Redeemer; monuments; religious symbols.

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando no Departamento de Antropologia e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Bolsista do CNPq.

² Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bolsista PIBIC entre janeiro de 2009 e julho de 2010.

O monumento ao Cristo Redentor se apresenta como um símbolo da cidade do Rio de Janeiro e, por extensão, um representante do Brasil. Sua eleição, em 2007, como uma das “novas sete maravilhas do mundo”, que provocou grande mobilização, comprova esse fato. Outro acontecimento ainda mais recente foi a apropriação intensa de sua imagem na escolha da cidade do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas de 2016, anunciada no dia 2 de outubro de 2009. O Cristo Redentor prevaleceu não só nos filmes da candidatura do Rio, nos quais eram expostas as belezas e qualidades da cidade, como também em uma enorme bandeira estendida na praia de Copacabana, na qual se lia a frase “Rio loves you” (O Rio ama você), em uma comemoração que reuniu cerca de 50 mil pessoas³. No entanto, se o sentido atual do monumento destaca sua relação com a cidade, e mesmo com o país – dos quais se apresenta como símbolo e como voz –, a conotação original da estátua enfatizava muito mais o seu aspecto religioso.

Em 1921, a iniciativa da sua construção, por parte de um grupo católico, se deu em virtude das comemorações do centenário da independência política do país. Após a separação republicana entre Estado e religião, a Igreja Católica procurava retomar o seu lugar na vida nacional, tentando reforçar a essência cristã da nação e, também, demonstrar como seus símbolos eram capazes de uma mobilização mais eficiente e consistente (Giumbelli, 2010; Fernandes, 1988; Azzi, 1994; Beozzo, 1984). Apesar de termos notícias de resistências iniciais, a ideia se concretizou, chegando a ganhar financiamento parcial do Estado. Vemos, aqui, como o espaço público – ao qual, nesse caso, se impõe um monumento religioso – se apresenta como um campo privilegiado para observar as interações entre o religioso e a sociedade, articulações essas que, de acordo com Birman (2003), podem redefinir os limites dessas duas esferas e seus campos de intervenção. Apresentado desde o início como um empreendimento grandioso e declaradamente religioso, cuja concepção e construção dependiam de múltiplos elementos devido a sua estrutura, localização e simbologia, o Cristo Redentor foi inaugurado no dia 12 de outubro de 1931 em uma cerimônia que reunia autoridades eclesiásticas e civis, após uma semana de intensas celebrações.

³ Ver <http://oglobo.globo.com/rio/fotogaleria/2009/10015/>. Acesso em: 04/10/09.

Como todo objeto urbano, o Cristo Redentor é alvo de transformações e ressignificações de sentidos produzidos pela sociedade ao longo do tempo (Knauss, 1999). A partir disso, podemos nos referir ao deslocamento da sua dimensão religiosa, ao mesmo tempo em que ele surge como um ícone cultural da nação.⁴ São essas transformações históricas que conduzem o presente trabalho a analisar diferentes discursos e formas de descrever e apreciar o monumento ao Cristo Redentor. Nesses discursos e formas, é muito comum seu atrelamento com figuras da autoridade política. Desde a época de sua construção e inauguração, governantes e parlamentares associam-se à imagem em ocasiões comemorativas. Além disso, o próprio monumento é por vezes consagrado como autoridade, seja em sentido religioso, seja em sentido cívico.

Metodologicamente, exploraremos dois caminhos entre outros possíveis para analisar alguns modos de apresentação e apreensão do Cristo Redentor. Primeiro, acompanharemos como a estátua é enfocada em livros sobre monumentos no Rio de Janeiro publicados entre 1946 e 1981. Busca-se comparar enfoques distintos, que tratam, de um ponto de vista urbanístico e arquitetônico, do histórico e da significação de monumentos e estátuas da cidade do Rio de Janeiro,⁵ além de uma obra comemorativa relacionada diretamente com o nosso objeto de estudo. O objetivo é observar, através da análise específica de cinco livros, algumas visões acerca do Cristo, além de tentar demonstrar certas nuances e variações existentes entre elas. Na segunda parte, voltamos ao evento da inclusão do Cristo Redentor entre as “novas sete maravilhas do mundo”, para analisar algumas facetas da campanha pela eleição e das reações que se seguiram ao resultado. Será enfocada o conteúdo de dois jornais cariocas do ano de 2007.

A relação entre religião e política, nesse material, pode ser pensada em duas linhas. A primeira evoca reflexões em torno de noções como religião política e religião civil (Giner, 1993; Rivière, 1989). Como se verá em vários

⁴ Para outro exemplo de transformação de ícones religiosos em culturais, ver Sansi (2003).

⁵ Nosso ponto de partida foram as obras bibliográficas analisadas por Abreu, Bellucco e Knauss (1999).

livros sobre monumentos, há uma intenção em tomar a imagem de Cristo como foco de um culto que celebra a função pedagógica e aglutinante que tais objetos devem ter. Ou seja, o culto visa uma comunidade de natureza cívica, embora, em se tratando do Cristo, elementos propriamente religiosos raramente se ausentam. A segunda linha de reflexão está referida ao trabalho de Latour (2008) e permite articular argumentos que englobam aquilo que está coberto pela primeira linha e se estendem por um período maior de tempo. Latour propõe a noção de *iconoclash* para acompanhar episódios de confronto entre imagens, destacando a ambiguidade e as incertezas provocadas por esses confrontos. Queremos mostrar que isso ocorre a propósito do Cristo Redentor, cuja imagem passa por usos e apropriações que multiplicam seus possíveis sentidos. A dimensão política, portanto, aparece não apenas em algumas das associações que constituem o monumento, mas também no confronto de imagens que traduzem aqueles possíveis sentidos.

LIVROS SOBRE MONUMENTOS CARIOCAS

Seguindo a ordem cronológica de lançamento dos livros – o que não quer dizer que seja a ordem histórica de relevância de uma visão sobre a outra, se é que existe essa ordem –, iniciamos com a obra *Monumentos da Cidade – Reportagens publicadas pelo Diário de Notícias*, de 1946. Como o título indica, o livro é uma compilação de 62 reportagens feitas pelo jornal *Diário de Notícias*, que ressalta a inexistência, na época, de uma obra que descrevesse os monumentos do Rio de Janeiro, lacuna que seria oficialmente preenchida com um inventário feito pela prefeitura somente em 1983⁶. O jornal acredita que terá contribuído ao menos para que seja conhecida a origem “dessas massas de bronze e de granito consagradas pelo povo à memória das grandes figuras merecedoras do seu culto” (*Diário de Notícias*, 1946, p. 5). Dessa passagem, é interessante pensarmos que o Cristo Redentor

⁶ PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Monumentos do Rio: Obras de Arte existentes nos Logradouros Municipais. Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos – Diretoria de Parques e Jardins, 1983.

está incluído no livro, portanto, como uma figura que merece o culto de toda a nação brasileira. Entretanto, ao observarmos o livro como um todo, vemos que as peças são tratadas de modo informativo e descritivo, sendo valorizadas enquanto partes da ordem urbana e resultados de produções artísticas. A arte é que monumentaliza a peça e faz com que ela construa o espaço da cidade (Abreu, Bellucco e Knauss, 1999), numa tentativa de articular o caráter histórico do objeto ao seu estatuto artístico.

Tido como um monumento acolhido com entusiasmo em todo o país, o Cristo Redentor é visto em seus detalhes técnicos e explicações acerca da sua concepção e construção, mostrando as dificuldades de se construir uma estátua do seu tamanho (38 metros) em elevada altura (710 metros acima do nível do mar). O texto tem a preocupação em relatar o histórico do empreendimento, chegando a transcrever parte de um artigo publicado em 1931 pelo conde Afonso Celso, no qual este narra os fatos que levaram à ideia da ereção do monumento e como se deu a escolha do projeto vencedor. A precisão das informações pretendida pelo jornal o leva a listar os nomes de todas as pessoas que participaram das comissões organizadas em prol da estátua. O dia 12 de outubro foi descrito em seus pormenores, sempre ressaltando as personalidades presentes e a grande movimentação que se deu na cidade.

Ao final da reportagem, as características técnicas da estátua surgem em destaque. Suas dimensões são descritas, e o problema, para a engenharia da época, criado pela atitude dos braços em cruz acaba sendo valorizado, já que, comparado com outros monumentos da França, o Cristo Redentor apresenta maior dificuldade de execução. Em uma “disputa” com a Estátua da Liberdade, nos Estados Unidos, esta representaria “a apoteose da metalurgia do ferro”, enquanto que o Cristo seria “a vitória do concreto armado”. O aspecto moderno do monumento é atribuído, em especial, ao seu revestimento em pedra sabão, que forma um grande mosaico sobre toda a sua superfície. O Diário de Notícias, portanto, ao afirmar o seu estatuto artístico, traz juntamente a sua dimensão histórica.

A obra de Affonso Fontainha, intitulada *História dos Monumentos do Distrito Federal*, de 1954, por sua vez, se concentra em uma abordagem

biográfica das personalidades da história nacional homenageadas nas estátuas. A biografia surge como uma narrativa desses casos exemplares. Assim, o tema presente na concepção da peça é que a torna monumental (Abreu, Bellucco e Knauss, 1999), já que representa parte da história do país. Os monumentos surgem como expressões dos “valores morais de um povo e patrimônio espiritual de uma nação”, com atributos políticos de caráter nacionalista. Fontainha tenta resgatar a “consciência cívica” e o orgulho dos brasileiros em relação aos seus compatriotas. O livro apresenta um roteiro com 141 monumentos, agrupados por localização.

Como o objetivo do livro é relatar a vida dos personagens das estátuas, somente ao final de cada narrativa Fontainha cita o local da obra e seu autor. O capítulo sobre o Cristo Redentor, no entanto, se distingue dos demais: o pequeno relato é sobre o monumento em si, sua construção e inauguração, e não sobre a vida de Jesus Cristo. Se assim o fizesse, Cristo apareceria como um “grande homem do país” – o que, contudo, não o impede de se apresentar como representante da moral e do patrimônio espiritual do povo brasileiro, da mesma forma que os outros personagens históricos. O que podemos observar é que a breve descrição das características gerais vem acompanhada de um certo apelo religioso ligado não só ao monumento como à montanha, já que o Corcovado seria “um ponto quase no firmamento”. Até a chuva abundante que caiu no dia da inauguração ganhou conotação espiritual e religiosa, aparecendo como uma água lustral que desceu do céu “a batizar o monumento arquitetônico nacional e a espargir bênçãos sobre o povo” (Fontainha, 1954, p. 214).

A título de comparação, o pequeno livro de Antônia de Amarante La Tardé, *Monumentos Principais do Distrito Federal*, de 1947, estende essa dimensão religiosa. Ainda que a obra se apresente como um recurso pedagógico para a promoção do “dever cívico”, poderíamos associá-la, ao menos em relação ao Cristo Redentor, com uma visão que chamaremos aqui de cívico-religiosa, na qual observamos um civismo que precisa ser exercido quase como uma religião. La Tardé faz um apelo afetivo ao descrever a imagem de Cristo enquanto personagem da história cristã, cuja serenidade e bondade devem servir como inspiração, ultrapassando a dimensão arquitetônica do monumento.

Nas duas últimas obras, os monumentos surgem como expressões da moral e patrimônio espiritual da nação. Assim, o culto aos grandes homens da nossa história aparece como um “dever cívico” (La Tardé, 1947), já que eles seriam “credores de nossa simpatia e gratidão” (Fontainha, 1954). La Tardé chega a propor uma pedagogia do civismo, incutindo nos espíritos juvenis “um louvável orgulho de nacionalidade”, além de despertar “o amor pela nossa História e a veneração pelo nosso Passado”, fazendo um apelo afetivo. Através do estudo da simbologia dos monumentos, os autores pretendem despertar o interesse dos brasileiros em conhecer essas obras, como “prova de consciência cívica e justo orgulho dos méritos da família social a que pertencemos”, como ressalta Fontainha (1954). Dessas obras, portanto, o Cristo Redentor surge como símbolo da nação.

Assim como Fontainha e La Tardé, a obra de Carlos Sarthou, *As estátuas do Rio de Janeiro*, de 1958, promove o patriotismo. Ele inicia seu livro com a estátua do Cristo Redentor, dizendo que fez essa escolha “não só porque ele é Deus”, “mas também porque é a maior estátua do Rio”, ressaltando sua visibilidade e o simbolismo da cruz, já que os braços abertos acolheriam carinhosamente todos que chegam à cidade e acompanhariam “com olhar meigo e protetor todos aqueles que partem” (Sarthou, 1958, p. 1). Em relação à posição do Cristo de braços abertos, La Tardé diz que eles “dão a perfeita imagem da cruz em que morreu para salvar o homem da angustiosa treva em que vivia” (1947, p. 181). Também vemos o caráter de obra construída pela nação de alma católica, quando Fontainha ressalta o fato de que a união das pedrinhas em painéis feita pelas mulheres agregou ao monumento “a Fé e o trabalho das nossas famílias”.

Como parte das comemorações do cinquentenário do monumento, em 1981, temos o livro *O Cristo do Corcovado*, editado com o apoio da Fundação Roberto Marinho e da Companhia União dos Refinadores de Açúcar e Café. Mariettinha Leão de Aquino, museóloga que organizou uma exposição que integrou as celebrações, ficou responsável pela pesquisa e supervisão da obra. Composto basicamente de fotos, o livro se apresenta como um verdadeiro álbum comemorativo, no qual imagens de todos os momentos vividos pelo monumento servem para contar a sua história, desde

o morro do Corcovado visto pelos viajantes, ainda sem o Cristo, passando pela construção da estrada de ferro, a ereção da estátua, alguns melhoramentos, até a visita do Papa João Paulo II, ocorrida em 1980. Há também uma sessão dedicada a charges e caricaturas feitas pelo cartunista Ziraldo, nas quais o Cristo é o principal personagem.

Entre um conjunto e outro de imagens, o livro contém três pequenos textos. A abertura foi escrita por Guilherme Figueiredo, na época reitor da Uni-Rio (Universidade do Rio de Janeiro), famoso dramaturgo e escritor, irmão do então presidente do Brasil general João Baptista Figueiredo (Semenovitch, 1999). O segundo texto é o poema *Os Dois Homens de Branco*, de Dom Marcos Barbosa, monge beneditino, poeta e tradutor, membro da Academia Brasileira de Letras, tendo recebido o título ainda em 1980⁷. Por último, há a transcrição de uma conferência realizada por Heitor da Silva Costa, autor do projeto do Cristo Redentor, na Sociedade Brasileira de Engenheiros, em 1930, na qual aborda detalhes, problemas e soluções técnicas do projeto. Todos os textos, assim como todas as legendas das fotos, são escritos em português, francês e inglês.

O primeiro texto é o que mais interessa à análise aqui proposta. Guilherme Figueiredo faz uma criativa divisão da história do Corcovado, numa alusão à história do mundo cristão: Antes de Cristo e Depois de Cristo. Este Cristo, no caso, é o monumento instalado no Corcovado. Antes, “fantasma de crença”; depois, “símbolo de pedra”. Dessa forma, o autor analisa diversos relatos de viajantes e artistas que estiveram no Rio de Janeiro nos séculos XVIII e XIX, todos admirados com a beleza e a imponência da montanha. O penhasco mais alto da cidade recebeu o nome de Pináculo da Tentação, mas no século XVIII já se chamava Corcovado. Desde tempos longínquos, lugares elevados estiveram associados a características e práticas espirituais. Com o Corcovado não havia de ser diferente. Todos ficavam pasmos com a forma e a dimensão da montanha, além da maravilhosa vista da cidade que seu topo proporcionava. Não é à toa que foi logo visto como um per-

⁷ Ver <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=188>. Acesso em: 29/09/09.

feito e imenso pedestal para uma imagem de Jesus Cristo. Com o tempo, o Corcovado foi se incorporando também ao turismo da cidade, servindo de local de descanso e de lazer para as famílias, inclusive a família imperial. Guilherme Figueiredo, então, começa a narrar brevemente, de forma humorada e descontraída, como a ideia de ereção de um monumento a Cristo foi se tornando cada vez mais concreta.

O ano de 1931 é o marco que faz com que a vida do Rio de Janeiro se reinicie. “Depois de Cristo”, a cidade ganha seu símbolo, como ressalta Figueiredo. O autor relata os principais acontecimentos da inauguração e finaliza exaltando o sentimento de bondade que o Redentor inspira. O que percebemos, ao longo de seu texto, é uma percepção do Cristo Redentor construída a partir da cidade e das suas transformações. A estátua cria um novo lugar, transforma a montanha antes “defeituosa”, devido à inclinação, em algo imponente e vertical. A presença do Cristo, como é bem observado por Osorio (2008), redesenha o espaço ao seu redor, o que é uma característica definidora de uma escultura pública. O monumento passa a ser uma espécie de referência para a orientação espacial. Entretanto, a imagem do Cristo vai além desse fator e se confunde com a imagem do Rio, modificando sua própria maneira de se ver enquanto cidade. As fotos exibidas no livro auxiliam o leitor a observar toda essa transformação. A dimensão religiosa da obra não é de toda esquecida, já que é intrínseca ao monumento, porém acaba sendo apresentada mais como parte da relação afetiva da cidade para com o monumento.

A NOVA MARAVILHA NOS JORNAIS

Os comentários a seguir derivam de uma análise inicial de um banco de textos com material dos jornais *O Globo* e *Extra* para o ano de 2007.⁸ O

⁸ O banco de textos foi produzido no âmbito da pesquisa “Símbolos religiosos em espaços públicos: o caso do Cristo Redentor”, apoiada pela FAPERJ, entre 2009 e 2010. Utilizou-se o Arquivo Premium, que reúne todo o material publicado em ambos os jornais; o banco foi formado com o resultado de buscas sobre “Cristo Redentor”.

foco esteve voltado para perceber os aspectos que se destacam nos noticiários que tratam, diretamente ou não, do monumento. E, entre esses aspectos, maior importância é conferida aos elementos que permitem problematizar a relação entre as dimensões turísticas, cívicas e religiosas da imagem.

Em 2007, houve o predomínio claro de registros jornalísticos relacionados com a inclusão do monumento do Cristo Redentor entre as “novas sete maravilhas do mundo”. A indicação foi uma iniciativa de uma fundação suíça e os votos foram recolhidos pela internet e por ligações telefônicas. Vinte e um monumentos, de vários continentes do mundo, foram selecionados para a concorrência. Dezenas de milhões de votos foram computados. O resultado foi divulgado em Lisboa, em 07.07.2007.

Um primeiro ponto a ser destacado acerca da mobilização pela “eleição” do Cristo Redentor é a amplitude e a diversidade dos apoiadores. Empresas de vários portes e entidades patronais importantes, artistas e clubes benevolentes, e ainda empresas de serviços públicos (inclusive de telefonia) estiveram diretamente envolvidos. Houve também apoio oficial em todos os âmbitos de governo, mesmo do Presidente da República. Embora a Arquidiocese apareça entre os apoiadores da campanha pela “eleição” do monumento, outros agentes é que se destacaram, sobretudo em torno dos possíveis dividendos turísticos da vitória, tanto em uma dimensão estritamente econômica, quanto em uma dimensão simbólica, que repercutiria sobre a imagem da cidade e a auto-estima de seus moradores. Assim, quando observamos os argumentos pró e contra a eleição, vemos que, quase sempre, o que está em jogo é a cidade. Em outras palavras, o que está em torno do monumento.

Um exemplo entre os artigos de opinião:

Mas, e o Cristo do Corcovado? Esse finalista é único pela perfeita harmonia entre construção e ambiente. Há muitas estátuas do Cristo em outeiros pelo mundo afora, mas nenhuma tem o tamanho, a graça, a tranqüilidade e a beleza da do Corcovado, ou se integra tão bem à paisagem. É claro que a cidade aos seus pés ajuda a criar essa combinação quase mágica, projetando uma mensagem universal. A pouca menção à tecnologia por trás da estátua - apesar da sua sofisticação - testemunha o caráter transcendente da construção. Por isso, depois de rever todos os finalistas, ao votar no símbolo do Rio de Janeiro

e do Brasil, e ao escolher outros seis monumentos (www.votecristo.com, ou mensagem de texto com a palavra Cristo, para o número 49216), o que realmente importa é sentir que cada um deles captura a alma e as realizações de um povo, e que a participação de cada um de nós nessa escolha pode servir para exprimir nossa auto-estima e as coisas boas que temos a oferecer aos outros povos do nosso planeta. (Joaquim Levy, *O Globo*, 05/06/2007, p. 7)

Além dos articulistas, cartas de leitores do jornal levantam argumentos que remetem à cidade e seus moradores. Um exemplo:

Votei no Cristo por amar a cidade em que nasci, resido e pretendo morrer. Por situar-se dentro da maior floresta urbana do mundo. Por estar situado em altura mais elevada que a Torre Eiffel e a Estátua da Liberdade, sendo o único monumento, entre todos os concorrentes, que se encontra em local visível de diversos pontos da cidade. Por ser ele um dos poucos monumentos, entre os 21 que fazem parte da eleição, que leva a Humanidade a associá-lo rapidamente ao Brasil. Assim, o Cristo deveria ser eleito como uma das sete maravilhas do mundo não só pelos brasileiros como por eleitores de todas as nacionalidades. (*O Globo*, 17/06/2007, p. 6)

O mesmo plano de discussão levou a opiniões inversas, como vemos na seguinte carta:

O Cristo Redentor tem grande chance de se tornar uma das sete maravilhas do mundo. Por outro lado, o Rio está cada vez mais distante do título que no passado lhe foi outorgado com justiça: Cidade Maravilhosa. As favelas não param de crescer, sem que nenhum prefeito ou governador se preocupe; a violência cada vez mais toma conta do nosso dia-a-dia; as crianças são assassinadas sem ação contrária para impedir tais crimes hediondos. Como pode uma cidade nessa situação tão triste, tão esquecida pelas autoridades, usufruir algum ganho pelo fato de abrigar uma das sétimas maravilhas do mundo? (*O Globo*, 09/06/2007, p. 6)

Vale ainda citar os textos de outro articulista. João Paulo Cuenca, jovem escritor, confessou publicamente seu arrependimento por ter votado no monumento, prevendo que sua inclusão entre os vencedores serviria apenas para atrair turistas desavisados e iludidos. Acrescentou ainda que “a

estátua do Cristo Redentor não é sequer a sétima maravilha desta cidade esgarçada, muito menos do mundo”, sugerindo outros e melhores símbolos para a cidade (*O Globo, Megazine*, 19/06/2007, p. 6). O texto gerou reações indignadas, e levou o seu autor a notar, uma semana depois, ter sido “acusado de desrespeitar a fé cristã, a imagem do Rio no exterior e o planejamento para o PAN 2007” (*O Globo, Megazine*, 26/06/2007, p. 7).

Vemos surgir, aí, uma dimensão religiosa na defesa do monumento. Ela aparece em algumas cartas de leitores:

Votar no Cristo não significa apenas ir à urna e votar em um político. Também não significa conseguir popularidade e incremento do turismo no nosso estado e no Brasil. Não representa arrecadação financeira para os cofres do país. Cabe não só aos cariocas, aos brasileiros, aos católicos, mas a todo ser humano votar nele para agradecer pela paz e pela fraternidade que a imagem de Jesus irradia para o mundo inteiro. Qualquer que seja o resultado, o Cristo Redentor é, e sempre será, a primeira maravilha do mundo! (*O Globo*, 13/06/2007, p. 6)

Oh, Cristo Redentor, que pelo Brasil vela. Maravilha do mundo sempre foi, pois teu Pai o criou. Nós vos imploramos que peça ao vosso Pai para consertar este pobre país, pois Ele é brasileiro como nós. Dai juízo aos nossos governantes, amoleça o coração dos bandidos, que nossos políticos tenham vergonha de seus atos de corrupção, refaça o milagre do cego e dê olhos à nossa Justiça para enxergar o caminho certo de julgar aqueles que cometem crimes, dê educação e inteligência ao teu povo para que saiba eleger bem seus representantes ou simplesmente mostre de novo lá do alto do Corcovado os dez mandamentos de vossa lei que estão completamente esquecidos. (*O Globo*, 11/07/2007, p. 6)

Essas e outras duas cartas foram as únicas quatro ocorrências de argumentos religiosos em manifestações de leitores. Note-se ainda que mesmo a presença de abordagens e elementos religiosos não deixa de dialogar com outras perspectivas e dimensões. No quadro geral, é possível afirmar que a visão religiosa pouco marcou o debate e a mobilização pela eleição do Cristo Redentor como uma das “novas sete maravilhas do mundo”.

Mas se a dimensão religiosa pode submergir, não significa que ela deixa de existir – ou que não possa ser acionada. Vejamos essa reportagem, publicada dois dias depois do anúncio da vitória do Cristo Redentor.

Festa na terra e no céu – Cristo casamenteiro – Carioca vai poder se casar ou ser batizado numa das novas sete maravilhas do mundo

Uma placa comemorativa anunciando o monumento como uma das novas maravilhas do mundo foi o primeiro indício das mudanças, um dia após o resultado da eleição. E até o fim do mês será reinaugurada a capela, que está em reforma. Com capacidade para 40 pessoas, serão ministradas missas diárias em outras línguas para atender peregrinos e turistas. Câmeras serão instaladas para que internautas possam acessar a missa de qualquer lugar do mundo. Também serão realizados batismos e casamentos.

A escolha do Cristo Redentor como uma das sete novas maravilhas do mundo às vésperas dos Jogos Pan-Americanos levantou o astral do carioca, que ontem parecia ter despertado do pesadelo de conviver apenas com fatos desoladores, como a guerra do tráfico no Complexo do Alemão, nas últimas semanas. Nas praias cheias, a vitória do Cristo, claro, foi assunto obrigatório. Uma missa de ação de graças celebrou o acontecimento aos pés da estátua, que ontem recebeu cinco mil visitantes. E, segundo a empresa que administra o Corcovado, havia mais brasileiros do que de costume. Com a vitória, espera-se um aumento de até 30% no número de visitantes brasileiros.

Ao saber da vitória, o governador Sérgio Cabral ligou para o cardeal arcebispo do Rio, dom Eusébio Scheidt, e pediu a missa, celebrada ontem pelo padre Osmar Raposo. Além de Cabral, acompanhado da mulher, Adriana, a cerimônia reuniu fiéis e turistas.

- Não era possível que o mundo não fizesse uma homenagem ao nosso criador nessa cidade, a mais bonita do planeta. Com essa vitória e em seguida com um Pan-Americano de sucesso, ninguém segura o Rio.

A euforia pode ser revertida em ganhos econômicos. A expectativa de Cabral é de que a eleição agregue valor para a cidade como destino turístico e aumente o número de visitantes à cidade.

[...]

(*Extra*, 09/07/2007, p. 3)

Com a consagração como uma das “novas maravilhas do mundo”, vem o impulso para consolidar o estatuto religioso do monumento – seguindo uma proclamação que em 2006 transformou o sítio em santuário católico. A religiosidade do sítio é reforçada pela solicitação, que parte da autoridade civil, para a realização de uma celebração católica. Isso convive com o

argumento dominante dos dividendos turísticos. E a reportagem, na sua continuidade, ainda traz à tona uma questão importante, que envolve a administração do monumento e de seus acessos, localizados em um Parque Nacional.

Vejamos o que se passa nesse aspecto, pois reencontraremos a dimensão religiosa. O IBAMA, principal órgão federal envolvido na administração do acesso ao monumento, propôs uma reformulação que, após sua efetivação, restringiria a vans de uma empresa licitada a condução dos visitantes. Haveria, com isso, o pagamento obrigatório para o ingresso na área do Cristo Redentor. As reações contrárias partiram de vários agentes sociais também envolvidos com o gerenciamento e uso do monumento.

As reportagens seguintes captam os motivos das críticas à proposta do IBAMA.

A polêmica sobre o Corcovado – Novo sistema de acesso, que prevê taxa até para quem for a pé ao Cristo, é alvo de críticas

O novo sistema de controle de acesso de visitantes ao Cristo Redentor, que o Ibama pretende implantar a partir de janeiro para organizar a entrada do público, transformou-se em motivo para brigas judiciais e ameaças de interrupção de serviços para os frequentadores de uma das sete novas maravilhas do mundo. Contra o projeto - que prevê bilhete eletrônico e linhas de vans ligando a Estrada das Paineiras ao Corcovado - estão a Arquidiocese do Rio (proprietária da estátua), a prefeitura (que mantém os elevadores e escadas rolantes) e empresas e cooperativas de transporte de turistas. No caso da Arquidiocese, a discordância é com a implantação de uma taxa para quem resolver subir a pé o caminho que leva até o monumento. A Igreja também está preocupada com o fim da isenção para grupos de peregrinos, religiosos e carentes.

- O nosso desejo é que não haja cobrança alguma. O Cristo Redentor fica no Parque Nacional da Tijuca, que é administrado pelo Ibama. Mas a conservação e a propriedade da estátua são de responsabilidade da Arquidiocese do Rio, que jamais cobrou pelo acesso ao santuário. É preciso, em nome da liberdade de culto, garantir o acesso de peregrinos e pessoas carentes sem pagamento - explicou a coordenadora jurídica da Arquidiocese, Claudine Dutra.

[...]

(*O Globo*, 20/11/2007, p. 13)

Parlamentares protestam contra taxa no Corcovado – Grupo critica cobrança de tarifa para quem for a pé ao Cristo

Vereadores e deputados fizeram ontem uma manifestação contra o projeto do Ibama de cobrar ingresso de quem for visitar a pé o Cristo Redentor. O grupo estendeu uma faixa com a inscrição “O Cristo não tem preço” em frente ao monumento, chamando a atenção dos visitantes. No protesto, parlamentares criticaram o órgão ambiental, que não teria competência para controlar a entrada e saída de fiéis que forem ao santuário.

- Não tem sentido cobrar ingresso de quem visita um símbolo religioso. A imagem do Cristo ajuda a divulgar a cidade no mundo - afirmou o vereador Paulo Cerri (DEM).

[...]

(*O Globo*, 24/11/2007, p. 40)

Grupo entra na Justiça contra cobrança de taxa para subir a pé até o Cristo – Ibama diz que peregrinos não vão à estátua; Arquidiocese pode recorrer

[...]

Para o Ibama, que administra o Parque Nacional da Tijuca, onde fica o monumento, o lugar não é ponto de peregrinação. Daí, a cobrança. Segundo o superintendente do órgão no Rio, Rogério Rocco, o perfil dos fiéis que visitam o Cristo é diferente dos que vão à Igreja da Penha.

- Vamos cobrar algo em torno de R\$5 porque teremos uma catraca eletrônica controlando o acesso, mas essa é uma falsa polêmica. Não temos a figura do peregrino no Cristo. Isso é pura ficção. Quem vai a pé é o montanhista. Ali não é a escadaria da Penha, onde se sobe para pagar promessa. Não existe essa coisa do sujeito ir a pé e se ajoelhar no Cristo para rezar - afirma ele, admitindo exceções para celebrações agendadas pela Igreja com antecedência.

Já a Arquidiocese do Rio de Janeiro, dona da área e do monumento, discorda e defende que a taxa não seja cobrada.

- O Cristo Redentor pertence à Arquidiocese. Trata-se de um monumento religioso com capela e celebração de missas que se tornou ponto turístico. O parque nacional foi criado depois. Se querem cobrar, que continuem fazendo sobre quem vai de carro, não sobre pedestres. Se isso acontecer, iremos à Justiça porque criariam um impedimento à liberdade de culto - diz a diretora jurídica da Arquidiocese, Claudine Dutra.

(*O Globo*, 27/11/2007, p. 17)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfoque das obras sobre monumentos leva-nos a perceber a ênfase e a relevância depositada em diferentes aspectos da história e da dimensão artística do Cristo Redentor, ao lado da variedade de posições face ao monumento, ora observado através da religiosidade que evoca, ora tido como algo que nos provoca um sentimento de civismo e nacionalidade. Sua forma e suas dimensões, seu valor artístico e sua posição no cenário urbano o tornam parte da paisagem da cidade. As percepções aqui reveladas são apenas algumas das apropriações sofridas pelo Cristo Redentor, que, como todo objeto urbano, é permeado por disputas em torno de seus significados, com conflitos e negociações entre diferentes atores sociais, o que leva à incorporação constante de novos valores e imagens. Das referências analisadas, emergem as seguintes categorias conectadas às diferentes percepções: cívica, artística, religiosa, e aquela que podemos denominar de visão da cidade.

Algo semelhante pode ser constatado na análise do conteúdo dos jornais que noticiaram a inclusão do Cristo Redentor entre as “novas maravilhas do mundo” em 2007. Vimos que a dimensão religiosa pouco esteve presente ao longo da campanha e das manifestações. Isso reforça o estatuto adquirido pelo monumento em seu trajeto, marcado, sobretudo, por sua relação com a cidade que o cerca. Tal condição permite que ocorram usos e apropriações muito variados, inclusive em conflito, potencial ou manifesto, entre si. O Cristo Redentor pode ser palco para manifestações em defesa de direitos homossexuais; sua imagem pode servir para ilustrar um panfleto que divulga uma passeata em prol da descriminalização da maconha.⁹ Por outro lado, observamos que, em meio a essas feições, a dimensão religiosa – especificamente aquela que o conecta ao catolicismo – não deixa de se fazer presente. Nas comemorações pela eleição como “nova maravilha” e em um de seus desdobramentos, que envolveu a proposta do IBAMA sobre o esquema de acesso ao monumento, vimos que a dimensão religiosa volta à tona, inclusive

⁹ Sobre esses dois episódios, ver notícias do jornal O Globo, edições de 08/10/2007 e 07/05/2007, respectivamente.

sob a forma da “liberdade de culto”, na voz de agentes diversos, mesmo de autoridades não religiosas.

Considerando isso é que defendemos a possibilidade de enfocarmos a imagem do Cristo Redentor com o apoio da ideia latouriana do *iconoclash*. O vínculo da imagem com o catolicismo que o inspirou não é mais certo. O sucesso de um dos ícones mais expressivos do projeto de neo-cristandade significou igualmente a inauguração de um processo irreversível de polissemia e polivalência. Mesmo quando se defende, atualmente, o sentido religioso do monumento, como procura fazer a Arquidiocese local, tal movimento precisa ser entendido como parte de uma disputa de que participam outros sentidos. Em contrapartida, a afirmação desses outros sentidos pode sempre evocar, como parte dela ou como reação, a dimensão religiosa. Em todo caso, parece-nos que é mais interessante explorar nessa direção a política que cerca o Cristo Redentor do que em leituras que visem insistir apenas sobre sua “religiosidade” ou apenas sobre seu “civismo”.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcelo; BELLUCCO, Hugo; KNAUSS, Paulo. Esfinges Urbanas – Quadros da Imaginária Urbana. In: KNAUSS, Paulo (coord.) *Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999, p. 136-160.
- AZZI, Riolando. *A Neocristandade: Um Projeto Restaurador*. São Paulo: Ed. Paulus, 1994.
- BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris. *História da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano: Economia e cultura – 1930 – 1964*. Tomo II, v. 4º. São Paulo: Difel, 1984.
- BIRMAN, Patricia. Introdução. In: BIRMAN, Patricia (org.). *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar, 2003, p. 11-21.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. *Monumentos da Cidade – Reportagens publicadas pelo Diário de Notícias*. Rio de Janeiro: S.A. Diário de Notícias, 1946.
- FERNANDES, Rubem César. “Aparecida: Nossa Rainha, Senhora e Mãe, Saravá!”. In: *Brasil & EUA: Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FIGUEIREDO, Guilherme et al. *O Cristo do Corcovado*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda., 1981.

FONTAINHA, Affonso. *História dos Monumentos do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1954.

GINER, Salvador. Religião civil. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n. 61, p. 23-55, 1993.

GIUMBELLI, Emerson. Paris, Praça Tiradentes: laicidade e símbolos religiosos no Brasil. In: Angelo Adriano Faria de Assis e Mabel Salgado Pereira (Orgs.). *Religiões e Religiosidades: entre a tradição e a modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2010.

HORTA, Luiz Paulo. O simbolismo da montanha. In: KAZ, Leonel; LODDI, Nigge (orgs.). *Cristo Redentor: história e arte de um símbolo do Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Aprazível, 2008, p. 99-100.

KNAUSS, Paulo. “Introdução”. In: KNAUSS, Paulo (coord.). *Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999, p. 7-13.

LA TARDÉ, Antônia de Amarante. *Monumentos Principais do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1947.

LATOUR, Bruno. “O que é iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagem?” *Horizontes Antropológicos*, v. 14, n. 29, p. 111-150, 2008.

OSORIO, Luiz Camillo. “O Cristo torna visível o espaço invisível do ar”. In: KAZ, Leonel; LODDI, Nigge (orgs.). *Cristo Redentor: história e arte de um símbolo do Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Aprazível, 2008, p. 139-140.

RIVIÉRE, Claude. *As Liturgias Políticas*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

SARTHOU, Carlos. *As estátuas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Leo Editores, 1958.

SEMENOVITCH, Jorge Scévola. *Corcovado: The conquest of God's mountain – The History of the Railway and Monument of Christ the Redeemer*. Rio de Janeiro: Lutécia, 2008.

SANSI, Roger. “De imagens religiosas a ícones culturais: reflexões sobre as transformações históricas de algumas festas públicas na Bahia”. In: BIRMAN, Patricia (org.). *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar, 2003, p. 149-168.